

THOMAS PYNCHON

Contra o dia

Tradução

Paulo Henriques Britto



Copyright © 2006 by Thomas Pynchon

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Proibida a venda em Portugal.

Título original

Against the day

Capa

Elisa V. Randow

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Renata Del Nero

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pynchon, Thomas

Contra o dia / Thomas Pynchon ; tradução Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: *Against the day*.

ISBN 978-85-359-2039-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-01304

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

UM

A luz acima da serra

“Agora, reduzir todo o cordame!”

“Ânimo... com jeito... muito bem! Preparar para zarpar!”

“Cidade dos Ventos, lá vamos nós!”

Foi em meio a tais exclamações animadas que o aeróstato de hidrogênio *Inconveniência*, sua gôndola enfeitada com bandeirolas patrióticas, levando uma tripulação de cinco rapazes pertencentes à célebre agremiação aeronáutica denominada Amigos do Acaso, ascendeu célere no céu matinal e logo foi levado pelo vento sul.

Quando a nave atingiu a altitude de cruzeiro, e todos os acidentes geográficos deixados para trás na terra já haviam se reduzido a dimensões quase microscópicas, Randolph St. Cosmo, o comandante, ordenou: “Forme-se o Destacamento Especial de Voo”, e os rapazes, todos eles envergando seus elegantes uniformes de verão — túnica com listras vermelhas e brancas e calça azul-celeste —, obedeceram com entusiasmo.

Naquele dia, seguiam em direção à cidade de Chicago, onde recentemente fora inaugurada a Exposição Internacional Colombina. Desde que fora dada a ordem, não se falava de outra coisa naquela tripulação empolgada e curiosa que não da célebre “Cidade Branca”, sua enorme roda-gigante, templos alabastrinos do comércio e da indústria, lagoas reluzentes e muitos milhares de maravilhas tais, de natureza tanto científica quanto artística, que lá os aguardavam.

“Oba!”, gritou Darby Suckling, debruçado sobre os cabos-guias para contemplar o interior do país, transformado num borrão confuso e esverdeado, muitos metros abaixo, enquanto seus cabelos cacheados cor de estopa balançavam-se ao vento que

atravessava a gôndola, como se formassem uma bandeira desfraldada a sota-vento. (Darby, como meus leitores fiéis hão de se lembrar, era o “caçulinha” da tripulação, atuando ao mesmo tempo como faz-tudo e mascote, e além disso assumia a difícil voz de soprano sempre que esses aeronautas adolescentes não conseguiam reprimir o ímpeto de cantar.) “Não vejo a hora de nós chegar lá!”, exclamou ele.

“Pelo qual você acaba de perder mais cinco pontos!”, ralhou uma voz severa bem próxima a seu ouvido, no momento exato em que ele foi de súbito agarrado por trás e arrancado dos cabos-guias. “Ou então, digamos, dez? Quantas vezes”, prosseguiu Lindsay Noseworth, o subcomandante, famoso por sua impaciência para com todas as manifestações de frouxidão, “você já não foi advertido, Suckling, a respeito de formas gramaticais informais?” Com a destreza advinda de longa prática, virou Darby de cabeça para baixo e segurou o rapazinho peso-mosca pelos tornozelos, dependurado no espaço vazio — estando a terra firme, naquele momento, tranquilamente um quilômetro abaixo — e pôs-se a lhe passar um sermão a respeito dos muitos males que advêm da frouxidão verbal, sendo um dos piores deles a facilidade com que tal prática pode levar ao uso de obscenidades, e coisas piores ainda. Como, porém, o tempo todo Darby gritava de terror, é duvidoso que aqueles conselhos proveitosos tenham surtido algum efeito.

“Já chega, Lindsay”, aconselhou Randolph St. Cosmo. “O rapaz tem trabalho a fazer, e se você o assustar desse jeito, ele certamente não vai conseguir fazer muita coisa.”

“Está bem, baixote, ao trabalho”, murmurou Lindsay, recolocando em pé, com relutância, o apavorado Darby. Na qualidade de contramestre, responsável pela disciplina a bordo, ele executava suas funções com uma severidade desprovida de humor que, a um observador imparcial, poderia muito bem parecer uma forma de monomania. Considerando-se, porém, a facilidade com que esta tripulação alegre encontrava pretextos para fazer traquinices — que mais de uma vez só por um triz não haviam resultado em desastre, o tipo de incidente que deixa um aeronauta paralisado de terror —, Randolph normalmente preferia que seu subordinado imediato pecasse mais pelo excesso.

Da outra extremidade da gôndola veio agora um estrondo prolongado, seguido de uma imprecisão murmurada que fez Randolph, como sempre, franzir o cenho e levar a mão ao ventre. “Eu só tropecei numa dessas cestas de piquenique”, gritou o aprendiz de encarregado de manutenção, Miles Blundell, “aquela onde estava toda a louça, é o que parece... Acho que eu não vi a cesta, professor.”

“Talvez sua familiaridade”, arriscou Randolph, desolado, “a tenha tornado temporariamente invisível para você.” Essa repreensão, embora se aproximasse do cástico, não era infundada, pois Miles, ainda que munido de boas intenções e possuidor do melhor coração de todo aquele pequeno grupo, sofria por vezes de uma confusão em seus processos motores, o que com frequência resultava em animação, mas em outras tantas vezes comprometia a segurança física da tripulação. Enquanto Miles

catava os cacos da porcelana danificada, ria-se um certo Chick Counterfly, o mais novo membro da tripulação, que estava apoiado num estai, observando-o.

“Ah, ah”, exclamava o jovem Counterfly, “eu nunca vi ninguém mais desajeitado não! Ah, ah, ah!” Uma réplica irada subiu aos lábios de Miles, porém ele a conteve, dizendo a si próprio que, como os insultos e as provocações eram naturais em meio à classe da qual provinha o recém-chegado, era a seu passado insalubre que se deviam atribuir seus hábitos verbais.

“Por que é que você não me dá esses talheres chiques, Blundell?”, prosseguiu o jovem Counterfly. “Aí, quando nós chegar em Chicago, vamo lá no prego e...”

“Gostaria de chamar a sua atenção”, retrucou Miles, polido, “que todos os utensílios de mesa com a insígnia dos Amigos do Acaso são de propriedade da organização, devendo ser mantidos a bordo da nave para utilização nas refeições oficiais.”

“Isso aqui tá parecendo uma escola dominical”, murmurou o jovem maganão.

Numa extremidade da gôndola, indiferente aos que iam e vinham pelo tom-badilho, batendo de vez em quando a cauda de modo expressivo contra as tábuas do assoalho, o focinho enterrado nas páginas de um volume do sr. Henry James, um cão de nenhuma raça em particular parecia absorto no texto à sua frente. Desde o dia em que os Amigos, no decorrer de uma missão na capital da nação (ver *Os Amigos do Acaso e o pateta perverso*), salvaram Pugnax, na época ainda um mero filhote, de um conflito furioso, à sombra do Monumento a Washington, entre duas matilhas rivais de cães sem dono, ele tinha o hábito de perscrutar as páginas de qualquer material impresso que porventura encontrasse a bordo do *Inconveniência*, desde abordagens teóricas das artes aeronáuticas até leituras bem menos apropriadas, como folhetins sensacionalistas — embora, ao que parecia, ele gostasse mais de narrativas sentimentais a respeito de sua própria espécie do que de histórias que destacassem os extremos do comportamento humano, que lhe pareciam um tanto extravagantes. Ele aprendera, com aquela facilidade característica dos cães, a virar as páginas do modo mais delicado, utilizando o focinho ou as patas, e todo aquele que o visse entretido dessa forma não podia deixar de perceber as mudanças de expressão em seu rosto, em particular as sobranceiras excepcionalmente articuladas, que contribuíam para o efeito geral de interesse, envolvimento e — impossível evitar a conclusão — compreensão.

Já havendo se tornado um aeróstata experiente, Pugnax também aprendera, como o resto da tripulação, a sempre fazer as suas “necessidades” do lado da gôndola a favor do vento, o que resultava em surpresas para a população que habitava a superfície lá embaixo, mas isso não se dava com frequência suficiente, e sequer despertava atenção suficiente, para que alguém tentasse registrar essas agressões celestiais excrementícias, muito menos coordenar os relatos a seu respeito. Elas simplesmente penetravam a esfera do folclore, da superstição ou talvez, se ninguém se importar com o alargamento da definição, do religioso.

Darby Suckling, havendo se recuperado de sua recente excursão na atmosfera, dirigiu-se ao canino estudioso: “Diz lá, Pugnax — o que é que você está lendo agora, meu velho?”.

“Rr Rff-rff Rr-rr-rff-rff-rff”, respondeu Pugnax sem levantar a vista, e Darby, que como os outros tripulantes já se acostumara com a voz de Pugnax — na verdade, mais fácil de entender do que alguns dos sotaques regionais que os rapazes ouviam em suas viagens —, interpretou aquela fala como “*A princesa Casamassima*”.

“Ah. Uma espécie de... romance italiano, imagino?”

“O livro”, ele foi prontamente informado pelo sempre alerta Lindsay Noseworth, que entreouvira aquele colóquio, “versa sobre o crescimento inexorável do Anarquismo Internacional, o qual, aliás, parece estar particularmente vicejante no destino desta viagem — trata-se de um mal sinistro que espero não termos oportunidade de conhecer de algum modo mais imediato do que, tal como ocorre com Pugnax no momento, o contato inofensivo com um relato ficcional num livro.” Dava à palavra “livro” uma ênfase cujo nível de desprezo talvez só possa ser encontrado nas falas dos oficiais comandantes. Pugnax farejou rapidamente em direção a Lindsay, tentando detectar aquela combinação de “notas” olfativas que estava acostumado a encontrar em outros seres humanos. Porém, como sempre, aquele cheiro lhe escapava. Talvez houvesse uma explicação para o fenômeno, mas ele não sabia se deveria insistir até encontrá-la. As explicações, ao que lhe parecia, não eram coisas que os cachorros procurassem, ou mesmo tivessem direito de procurar — especialmente os cães que passavam tanto tempo no céu, muito acima do inesgotável complexo de odores que floresce na superfície do planeta abaixo.

O vento, que até então vinha se mantendo constante, soprando a estibordo, começou a mudar de direção. Como tinham ordem de seguir diretamente até Chicago sem atrasos, Randolph, após examinar uma carta aeronáutica do terreno que estavam a sobrevoar, gritou: “Suckling — consulte o anemômetro — Blundell e Counterfly, vão para o Parafuso”, referindo-se a um dispositivo de propulsão aérea do qual meus jovens leitores mais interessados em ciência talvez se lembrem, por terem lido as aventuras anteriores dos nossos rapazes (*Os Amigos do Acaso em Krakatoa*, *Os Amigos do Acaso em busca de Atlântida*), usado para aumentar a velocidade de cruzeiro da nave *Inconveniência* — inventado pelo velho amigo da turma, o professor Heino Vanderjuice de New Haven, sendo movido por um engenhoso motor de turbina cuja fornalha era aquecida queimando-se o excesso de hidrogênio extraído do balão através de certas válvulas especiais —, embora a invenção, como era de se esperar, fosse criticada pelos inúmeros rivais do dr. Vanderjuice, os quais alegavam que ela não passava de um moto-perpétuo, que claramente violava as leis da termodinâmica.

Miles, com seus problemas de coordenação motora, e Chick, cuja falta de empenho não era menos conspícua, ocuparam seus postos diante dos painéis de controle do aparelho, enquanto Darby Suckling, nesse ínterim, galgava os enfrechates e as enxárcias do gigantesco envelope elipsoidal do qual pendia a gôndola, até chegar ao

alto, onde o fluxo aéreo corria sem interrupção, para obter, num anemômetro de Robinson, informações precisas a respeito do vento, para calcular a velocidade da nave, transmitindo essas informações à ponte de comando via um bilhete colocado dentro de uma bola de tênis amarrada a uma linha. Os leitores hão de lembrar que esse método de transmitir informações fora adotado pela tripulação durante sua passagem rápida, ainda que inconclusiva, pelo território mexicano, onde a viram ser utilizada pelos maus elementos que desperdiçam suas existências fazendo apostas em partidas de pelota basca. (Para os leitores que estão tendo seu primeiro contato com nosso grupo de jovens aventureiros, é preciso deixar claro desde já que — talvez com exceção de Chick Counterfly, ainda não suficientemente conhecido — nenhum deles jamais adentraria a atmosfera moralmente envenenada de um “*frontón*”, o nome dado a tais antros naquelas paragens, se isso não fosse essencial para as atividades de levantamento de informações que os Amigos haviam sido contratados para realizar pelo Ministério do Interior do presidente Porfirio Díaz. Para mais detalhes a respeito dessa aventura, ver *Os Amigos do Acaso no Velho México*.)

Embora o perigo extremo fosse evidente para todos, o entusiasmo de Darby na execução de sua tarefa criava, como sempre, uma aura mágica em torno de seu vulto infantil, que parecia protegê-lo, ainda que não do sarcasmo de Chick Counterfly, o qual gritava para o mascote enquanto ele subia: “Ê, Suckling! Só mesmo um *boboca* arrisca a vida pra ver a velocidade do vento!”.

Ao ouvir isso, Lindsay Noseworth franziu o cenho, perplexo. Mesmo fazendo-se os descontos necessários para um rapaz com tal passado — a mãe, dizia-se, desaparecera quando ele ainda era um bebê — o pai se tornara um vagabundo que caminhava sem rumo pela antiga Confederação —, a insistência de Counterfly em lançar insultos gratuitos começara a constituir uma ameaça à sua situação de novato nos Amigos do Acaso, se não ao moral do grupo.

Duas semanas antes, à margem de um rio de águas negras no extremo Sul, quando os Amigos tentavam resolver uma questão dolorosa e jamais resolvida desde os tempos da Rebelião, de trinta anos antes — sobre a qual ainda não seria aconselhável registrar-se nada nesta página —, Chick aparecera uma noite no acampamento dos rapazes em estado de pavor extremo, sendo perseguido por um grupo de cavaleiros envoltos em vestes brancas e sinistros capuzes pontudos, que foram de imediato reconhecidos pelos Amigos como membros da temível “Ku Klux Klan”.

Sua história, no que foi possível compreender de sua típica voz de adolescente e suas abruptas mudanças de registro, exacerbada pelo perigo da situação, era a que se segue. O pai de Chick, Richard, mais conhecido como “Dick”, originário do Norte, havia alguns anos atuava na antiga Confederação, envolvendo-se numa série de projetos comerciais, nenhum dos quais, lamentavelmente, tivera sucesso, e muitos dos quais, há que registrar, haviam-no levado até bem próximo, como se diz, dos portões da penitenciária. Por fim, quando estava prestes a chegar um grupo de cidadãos organizado pelo xerife, que ficara sabendo de seu plano de vender o estado do Mississippi

a um misterioso consórcio chinês sediado em Tijuana, México, “Dick” Counterfly escafedeu-se mais que depressa e desapareceu na noite, deixando para o filho uma pequena quantia em espécie e um conselho amoroso: “Vou ter que ‘vispar-me’, moleque — se arranjar emprego, escreva”. A partir daí, Chick passou a viver com uma mão na frente e outra atrás, até que, no lugarejo de Thick Bush, não muito longe do acampamento dos Amigos, alguém, reconhecendo-o como filho de um famigerado aventureiro nortista, o qual estava sendo procurado por toda parte, sugeriu que lhe fosse aplicada a tradicional punição de ter o corpo coberto de piche e depois ser obrigado a rolar sobre penas de galinha.

“Por mais que nos inclinemos a oferecer nossa proteção”, disse Lindsay ao jovem assustado, “quando estamos em terra firme somos obrigados a seguir os termos da nossa Carta, segundo a qual jamais podemos interferir nos costumes legais de qualquer localidade onde por acaso tenhamos pousado.”

“Vocês não é mesmo daqui”, replicou Chick, um tanto áspero. “Aqui quando eles quer pegar alguém, não tem nada a ver com legal, não — é sebo nas canelas, nortista, porque se ficar o bicho come.”

“As pessoas educadas”, Lindsay mais que depressa o corrigiu, “dizem ‘vocês não são’ e ‘eles querem’.”

“Noseworth, por piedade!”, exclamou Randolph St. Cosmo, que o tempo todo olhava de relance para os vultos encapuzados que circundavam o acampamento, levando na mão archotes que iluminavam cada dobra e ruga de suas túnicas toscas com uma precisão quase teatral, projetando sombras fantasmagóricas entre os pés de nissa, cipreste e cária. “Não há mais o que discutir — este rapaz deve receber asilo e, se assim o desejar, ser admitido em caráter provisório como membro de nossa Unidade. Não há dúvida de que ele não terá futuro algum aqui.”

Todos passaram aquela noite em claro, para evitar que fagulhas oriundas dos archotes da turba caíssem perto do aparelho gerador de hidrogênio, o que resultaria em devastação. Com o tempo, porém, os labregos de traje macabro, talvez por temor supersticioso àquela maquinaria, foram se dispersando para suas casas. E Chick Counterfly, para o bem ou para mal, permaneceu...

O Parafuso em pouco tempo acelerou a nave de tal modo que sua velocidade, acrescida à do vento que soprava diretamente à popa, tornava-a quase invisível para os observadores situados no solo. “Estamos voando a quase dois quilômetros por minuto”, disse Chick Counterfly do console de controle, sem conseguir disfarçar um tom de admiração temerosa.

“Desse jeito podemos chegar a Chicago antes do anoitecer”, calculou Randolph St. Cosmo. “Você está bem, Counterfly?”

“Supimpa!”, exclamou Chick.

Como ocorria com a maioria dos “calouros” da organização, no início a maior dificuldade para Chick era menos a velocidade do que a altitude, e também as mudanças de pressão atmosférica e temperatura por ela acarretadas. Durante seus primeiros

voos, ele cumpriu suas obrigações sem se queixar, porém um dia foi encontrado remexendo sem autorização um armário que continha diversas peças de indumentária ártica. Quando Lindsay Noseworth o surpreendeu, a única coisa que o rapaz pôde balbuciar em defesa própria foi: “F-f-frio!”.

“Não vá você pensar”, esclareceu Lindsay, “que a bordo do *Inconveniência* você está na esfera do contrafactual. Aqui pode não haver mangues nem linchamentos, mas não obstante somos obrigados a conviver com as exigências do mundo real, entre as quais se destaca a diminuição da temperatura com o aumento da altitude. Aos poucos, a sua sensibilidade com relação ao frio haverá de se moderar, e enquanto isso” — jogando-lhe um abrigo preto de pele de cabra japonesa, em que se liam as palavras PROPRIEDADE DOS A. DO A., num tom vivo de amarelo, em estêncil, nas costas —, “isso deve ser considerado um traje de transição, até o momento em que você se adaptar a essas altitudes e, se tiver sorte, aprender as lições ensinadas pela vida em tais condições.”

“Resumindo”, confidenciou-lhe Randolph mais tarde, “subir é como ir para o norte.” E ficou piscando, como quem aguarda um comentário.

“Mas”, ocorreu a Chick, “quem segue sempre pro norte acaba passando por cima do polo, e aí começa a voltar pro sul.”

“É.” O comandante do aeróstato deu de ombros, constrangido.

“Isso quer dizer que quem sobe muito acaba *descendo*?”

“Shh!”, alertou-o Randolph St. Cosmo.

“Chegando perto da superfície de *outro planeta*, seria isso?”, insistiu Chick.

“Não exatamente. Não. Outra ‘superfície’, sim, porém terrestre. Muitas vezes, para infelicidade nossa, terrestre até demais. Agora, mais do que isso, eu não gostaria —”

“São os mistérios da profissão”, arriscou Chick.

“Você vai ver. Com o tempo, é claro.”

Enquanto desciam, sobrevoando os Matadouros, o cheiro subia até eles, o cheiro e a zoeira de carne descobrindo sua mortalidade — como a contraparte escura de alguma ficção diurna que, como parecia cada vez mais provável, eles haviam ido até lá para ajudar a promover. Em algum lugar lá embaixo estava a Cidade Branca prometida pelas brochuras da Exposição Colombina, em algum lugar em meio às chaminés altas sempre a vomitar uma fumaça negra e gordurosa, eflúvios da carnificina incessante, na qual desapareciam os topos dos edifícios das léguas de cidade que se estendiam na direção do vento, como crianças a mergulhar num sono que não traz descanso do dia. Nos Matadouros, os operários que terminavam seus turnos, em sua maioria esmagadora da fé romana, podendo desprender-se da terra e do sangue por alguns segundos preciosos, olhavam para o aeróstato maravilhados, imaginando um destacamento de anjos não necessariamente benignos.

Sob os olhares curiosos dos Amigos do Acaso espalhavam-se ruas e becos numa grade cartesiana, esboçada em tom de sépia, por quilômetros a fio. “A Grande Cidade Bovina do Mundo”, murmurou Lindsay, maravilhado. De fato, os lombos dos bois eram muito mais numerosos do que as copas de chapéus de seres humanos. Daquela altitude, era como se os Amigos, que em aventuras passadas amiúde contemplaram imensas manadas de gado a vagar pelas planícies do Oeste, formando desenhos sempre a modificar-se, como nuvens, viam ali aquela liberdade informe sendo racionalizada, obrigada a mover-se apenas em linhas retas e ângulos retos, numa progressiva redução de opções, até a curva final, passando pelo portão final, que levava ao local da matança.

Já próximo à hora do pôr do sol, ao sul da cidade, quando o *Inconveniência* oscilava numa brisa instável sobrevoando uma ampla extensão de pradaria onde teria lugar naquela semana um grande congresso internacional de aeronautas, em conjunção com a Exposição Internacional, o “professor” St. Cosmo, encontrando por fim um trecho livre de prado em meio à enorme população de aparelhos de voo já aterrissados, deu a ordem: “Preparar para o pouso”. O estado de atenção reduzida em que ele pareceu entrar em seguida foi pouco depois interrompido por Lindsay, o qual o advertiu, irascível: “Como certamente o senhor deve ter percebido, a inépcia de Blundell ao lidar com a Válvula Principal, inépcia essa que, infelizmente, já se tornou costumeira, teve o efeito de aumentar a velocidade de nossa descida num grau notável, se não alarmante”.

De fato, Miles Blundell, que apesar de bem-intencionado estava longe de ser destro, havia conseguido enrolar a corda atada ao mecanismo da válvula em torno do próprio pé, e estava agora sacudindo essa sua extremidade de um lado para outro, com uma expressão perplexa no rosto largo e honesto, na esperança de que a válvula, acionada por uma mola, de algum modo se fechasse por si própria — pois ela já deixara uma quantidade enorme de hidrogênio escapar do invólucro numa súbita lufada, fazendo com que a nave caísse em direção à margem do lago como um brinquedo largado por um petiz cósmico.

“Blundell, mas o que é isso!”, exclamou Randolph. “Você vai causar a destruição de todos nós!”

“É que ela enroscou, professor”, explicou Miles, mexendo de modo aleatório na corda de cânhamo, que tanto mais se enroscava quanto mais ele persistia.

Com uma imprecisão involuntária, ainda que inócua, St. Cosmo havia saltado para junto do jovem Blundell, agarrando-o pela cintura larga e tentando levantá-lo, na esperança de conseguir assim reduzir a tensão na corda e permitir que a válvula se fechasse. “Venha cá, Counterfly”, disse o subcomandante, ríspido, a Chick, que contemplava a cena com um sorriso irônico, encostado num armário, “saia dessa inércia por um momento e venha levantar o Blundell”, pois o desajeitado rapaz, um tanto cosquento, havia começado a gritar e se debater na tentativa de escapar do abraço de Lindsay. Chick Counterfly aproximou-se, indolente, da dupla que se debatia, com certa cautela, sem saber que parte de Miles deveria segurar, para não aumentar ainda mais a sua agitação.

Enquanto o gás vital continuava a escapar da válvula com um silvo perturbador, e a nave descia cada vez mais depressa em direção à terra, Randolph, contemplando os esforços inúteis de sua tripulação, deu-se conta de que a responsabilidade pelo desastre tão próximo era, como sempre, exclusivamente sua, desta vez por ter ele delegado funções a pessoas que não tinham a competência necessária...

Suas reflexões melancólicas foram interrompidas por Darby, que chegou correndo e puxou-lhe a manga da túnica. “Professor, professor! O Lindsay acaba de fazer

um comentário difamatório sobre a mãe do Miles, e no entanto ele vive implicando comigo por usar ‘gíria’, o senhor acha isso justo?”

“Sua impertinência insubordinada, Suckling”, afirmou Lindsay, severo, “vai lhe render mais dia, menos dia, aquilo que os marujos da mais baixa extração chamam de ‘beijo de Liverpool’, muito antes de você receber um beijo mais convencional, com exceção, talvez, daquelas raras ocasiões em que a *sua* mãe, sem dúvida num momento de distração, lhe conceder essa prova de afeição surpreendente, e no entanto, creio eu (pobre mulher!), imerecida.”

“Está vendo, está vendo?”, guinchou Darby, “Atacando a mãe dos outros —”

“Agora não!”, gritou Randolph, livrando-se com um safanão da mão inoportuna do jovem mascote, proporcionando-lhe tamanho susto que ele quase perdeu a razão. “Counterfly, o lastro, rapaz! Deixe esse idiota espernear e lance fora nossos sacos de areia, senão é o fim!”

Chick deu de ombros e largou Miles, seguindo sem nenhuma pressa em direção à amurada mais próxima para desamarrear os sacos de areia que lá havia, fazendo com que Lindsay, sem ter tempo de ajustar-se ao aumento do peso de seu fardo, desabasse no tombadilho com um grito de pânico, com Miles Blundell, já próximo à histeria, por cima dele. Com um estalo ruidoso que parecia anunciar o Final dos Tempos, a corda enroscada em seu pé desprendeuse da Válvula Principal, mas só depois de puxar além do limite de sua elasticidade a mola que a faria fechar-se em segurança. Agora a válvula permanecia escancarada — era a própria boca do Inferno!

“Suckling! Suba, e depressa!”

Presto, o rapazinho subiu pelas cordas enquanto Randolph, assustado com a crise e tentando atravessar o tombadilho, de algum modo tropeçou em Lindsay Noseworth, o qual se esforçava para desvencilhar-se da massa esperneante de Miles Blundell que o cobria, e subitamente viu-se na horizontal, tal como seus comandados. Levantando a vista, Randolph observou que Darby Suckling olhava para ele, curioso.

“O que é que eu tenho que fazer aqui em cima, professor?”, indagou o ingênuo mascote.

Enquanto lágrimas de frustração começavam a se formar nos olhos de Randolph, Lindsay, percebendo em seu comandante uma inércia característica, com à voz apenas temporariamente abafada pelo cotovelo de Miles, mais que depressa, ou o mais rápido possível, preencheu o vácuo de autoridade que se formara. “Recoloque a válvula manualmente”, gritou ele para Darby, “na posição de fechada”, acrescentando “garoto pateta” num tom quase inaudível. Darby, o uniforme agitado pelo jato de gás, corajosamente apressou-se a cumprir a ordem.

“Quer que eu pego um desses paraquedas, Noseworth?”, sugeriu Chick.

“*Senhor* Noseworth”, corrigiu-o Lindsay. “Não, Counterfly, melhor não, já que o tempo é escasso — ademais, as complexidades que envolveriam a tarefa de ajeitar em Blundell toda a parafernália necessária seriam demais até mesmo para o gênio

topológico de *Herr Riemann*.” Porém sua ironia não foi compreendida nem por Chick nem por seu alvo, o qual, tendo por fim conseguido ficar de pé, foi, sereno e despreocupado, até a amurada, aparentemente para apreciar a vista. Lá no alto, com um grito triunfante de “Hurra!”, Darby logrou fechar a válvula, e o enorme aeróstato diminuiu a velocidade de sua queda, que passou a ser tão pouco perigosa quanto a de uma folha no outono.

“Poxa, a gente assustou mesmo aquele pessoal lá embaixo, hein, professor”, comentou Miles, olhando pela amurada. “Quando a gente largou os sacos de areia, eu aposto.”

“O quê?”, Randolph, começando a recuperar seu ar de competência fleumática. “Como assim?”

“Por que estão correndo que nem formigas”, prosseguiu Miles, “e olha só, um deles está sem roupa, pelo menos parece!” De um armário de instrumentos próximo ele retirou uma luneta poderosa, apontando-a para os objetos de sua curiosidade.

“Venha, Blundell”, Randolph, levantando-se no lugar onde estava caído, “temos muito que fazer no momento, em vez de ficar aprontando —” Foi interrompido por uma exclamação de terror de Miles.

“Professor!”, gritou o rapaz, não acreditando no que via pelo cilindro reluzente, “a pessoa despida que eu mencionei — não é um homem, não, e sim... *uma mulher!*”

Houve então um verdadeiro “estouro da boiada” em direção à amurada, e uma disputa coletiva em torno da luneta, a qual, no entanto, Miles agarrava com tenacidade. Ao mesmo tempo, todos olhavam ou apertavam os olhos, ávidos, na tentativa de confirmar aquela aparição anunciada.

Por toda a extensão verdejante que se descortinava abaixo, à luz declinante da tarde, por entre as formas estelares dos sacos de areia estourados, correndo a todo vapor, como se por um firmamento terreno, seguia um cavalheiro corpulento de paletó esporte e calções de golfe, apertando o chapéu de palha contra a cabeça com uma das mãos e com a outra mantendo equilibrada no ombro uma câmara fotográfica presa a um tripé. Logo atrás dele vinha a mulher que fora vista por Blundell, carregando uma trouxa de roupas femininas, embora no momento trajasse pouco mais que uma espécie de diadema floral, vistosamente inclinado em meio à farta cabeleira loura. A dupla parecia dirigir-se a um bosque próximo, dirigindo de vez em quando um olhar apreensivo ao enorme invólucro de gás do *Inconveniência*, que descia, como se fosse ele um imenso globo ocular, talvez o próprio olho da Sociedade, sempre a vigiar do alto, num espírito de censura construtiva. Quando Lindsay conseguiu arrancar o instrumento óptico das mãos úmidas de Miles Blundell e induzir o jovem consequentemente frustrado a lançar fateixas e ajudar Darby a afixar o grande aeróstato à “Mãe Terra”, o casal indecoroso já havia desaparecido em meio à vegetação, tal como em breve toda essa parte da República haveria de desaparecer na escuridão crescente.

Darby balançava-se como um macaquinho, descendo a corda da âncora, chegando ao chão e, com movimentos lépidos sob o bojo do *Inconveniência*, agarrando com gestos precisos cada uma das amarras que lhe eram lançadas por Miles Blundell. Com um martelo, uma por uma, prendeu as resistentes estacas de madeira nos laços nas pontas das cordas de cânhamo, e em pouco tempo fez com que o gigantesco veículo, como se encantado por um minúsculo domador de feras, pairasse imóvel sobre ele.

A escada de cordas foi lançada com estrépito, e por ela desceu pouco depois, com passos inseguros, Miles, arcando com o peso de um gigantesco saco de roupa suja. Para os lados do poente, restava no céu apenas um tom de carmesim escuro, contra o qual se destacavam a silhueta de Miles e também as cabeças dos outros rapazes acima da borda curva da gôndola.

Desde aquela manhã, quando ainda estava escuro, uma multidão alegre de aeromaníacos de todas as espécies, munidos de equipamentos de piquenique, haviam ficado a desenvolver *vol-à-voiles* até muito depois do pôr do sol, durante toda aquela tarde estival no Meio-Oeste, ocupados demais para perceber o que havia de melancólico naquele arrebol, com asas imóveis ou a bater, asas que imitavam as de gaivotas, albatrozes e morcegos, asas de membrana de bate-folha e bambu, asas laboriosamente recobertas de penas de celuloide, que chegavam cobrindo o céu de lampejos, trazendo aviadores de todos os graus, desde o cético de laboratório até o ascensionário inspirado por Jesus, muitas vezes acompanhados por aerocães, que haviam aprendido a permanecer imóveis ao lado de seus donos das cabines das pequenas máquinas voadoras, observando painéis de instrumentos e latindo ao perceber algo que havia escapado da atenção do piloto — embora outros fossem vistos nas amuradas e passadiços, com a cabeça mergulhada no fluxo de ar e uma expressão de êxtase no rosto. De vez em quando um aeronauta chamava o outro através de um megafone, e assim o entardecer vibrava, tal como as árvores de muitas ruas da cidade próxima, com os sons de gracejos aéreos.

Em pouco tempo os rapazes montaram a tenda de refeições, recolheram lenha e acenderam o fogão da nave, contra o vento em relação à *Inconveniência* e seu gerador de hidrogênio. Miles pôs mãos à obra na cozinha minúscula, e em pouco tempo preparou para a tripulação uma “panelada” de bagre, pescado naquela manhã e conservado durante todo o dia em gelo, cujo derretimento fora retardado pelo frio da altitude. Ao seu redor, outros grupos fraternais de aviadores estavam ocupados em atividades culinárias, assando carne, fritando cebolas e preparando pão, com odores deliciosos que se espalhavam por todo o enorme acampamento.

Após o jantar e a formatura vespertina, os rapazes dedicaram uns poucos momentos ao canto, tal como um outro grupo teria feito à prece. Desde suas aventuras havaianas alguns anos antes (*Os Amigos do Acaso e a Maldição do Grão Kahuna*),

Miles tornara-se um adepto entusiástico do uquelele, e após guardar todos os utensílios e deixar o refeitório em seu estado costumeiro de limpeza impecável, pegou um dos muitos instrumentos de quatro cordas que guardava em seu baú e, após dedilhar uma breve introdução, acompanhou os rapazes, que cantavam:

Há pessoas que onde nascem
Passam todas suas vidas,
Sempre ao alcance dos braços
Das pessoas mais queridas —
Elas sabem bem quem são
E aonde vão chegar —
E há outras que, como nós,
Dizem “adeus” antes de “olá”,
Pois nós somos
Os Ases das Altitudes,
Vagamundos do Vazio...
Onde outros gritam de horror
Nós não damos nem um pio.
Que os ventos arrebenhem
A escala de Beaufort,
Que estourem os trovões,
Pois na noite escura
A alegria perdura
Sempre em nossos corações!
Pois...
O Amigo do Acaso não sabe o que é me-do,
E não geme nem chora diante de naaa-da!
Pois seu sangue é vermelho e sua mente é tão pura
Quanto a sua fa-ar-da i-ma-cu-laaa-da!

Naquela noite, Chick e Darby, que cuidavam do bombordo da nave, haviam permanecido de plantão, enquanto Miles e Lindsay tiveram licença para circular por Chicago. Entusiasmados, cada um a seu modo, pela perspectiva de visitar a Exposição, os dois rapazes mais que depressa vestiram seus uniformes de gala, se bem que Miles teve tanta dificuldade em amarrar as perneiras, dar o laço no lenço de pescoço com a simetria necessária e abotoar corretamente os quarenta e quatro botões do peitilho, um para cada Estado da União, que Lindsay, após aplicar gotas de brilhantina a suas melenas e penteá-las com todo o cuidado, viu-se na obrigação de auxiliar seu desajeitado colega.

Quando por fim Miles encontrou-se em condições de ser visto pelo populacho da “Cidade dos Ventos”, os dois rapazes assumiram a posição de sentido, um junto ao

outro dentro do círculo de luz em torno do fogo, para aguardar a revista. Pugnax juntou-se a eles, com a cauda imóvel e um olhar de expectativa. Randolph emergiu de sua barraca à paisana, tão guapo quanto seus subordinados em licença, pois também ele tinha seus compromissos terrenos, para os quais havia substituído seu uniforme dos Amigos do Acaso por um elegante terno xadrez de cânhamo de Kentucky e plastrão, com um vistoso chapéu de feltro coroando o *ensemble*.

“Puxa vida, Randolph”, exclamou Darby, “até parece que você vai se encontrar com uma garota!”

Como, porém, seu tom de provocação vinha acompanhado de um toque de admiração máscula, Randolph optou por não reagir àquela “chincada” com o “atarau” a que ela teria feito jus em circunstâncias outras, limitando-se a retrucar: “Eu não sabia que fedelhos da sua idade já reconheciam alguma diferença entre os sexos”, o que arrancou de Lindsay um risinho satisfeito, após o qual ele imediatamente retomou sua seriedade moral.

“No entorno”, advertiu Randolph seus comandados, “de qualquer aglomerado da magnitude dessa Exposição, é fatal que vicejem maus elementos cujo único objetivo é aproveitar-se dos incautos. Recuso-me a dignificar, ao identificá-lo, o bairro sinistro em que tais perigos costumam ser encontrados com maior frequência. Bastará a própria vulgaridade de sua aparência, principalmente à noite, para que todos, com exceção dos mais afoitos, se sintam desinclinados a contemplar, e muito menos investigar, as dúbias delícias lá oferecidas. Para bom entendedor... ou melhor, no caso em questão... hã, bom, seja lá o que... aproveitem a licença, rapazes, e boa sorte.” Em seguida, Randolph bateu continência, deu meia-volta e desapareceu silenciosamente na imensa escuridão odorífera.

“Você está de plantão, Suckling”, Lindsay admoestou-o antes de partir. “Sabe quais os castigos aplicáveis aos dorminhocos — não deixe de advertir a esse respeito o seu companheiro Counterfly, o qual ou muito me engano ou é inclinado à indolência. Uma ronda a cada hora, bem como uma leitura da pressão do gás dentro do envelope, corrigida, nem é preciso acrescentar, para compensar a queda de temperatura à noite.” Virou-se e foi embora para juntar-se a Miles, enquanto Pugnax, cuja cauda havia recuperado sua animação costumeira, ficou a explorar a região limítrofe do acampamento, buscando sinais da presença de outros cães e de seus donos que porventura tentassem entrar sem permissão.

Darby, deixado a sós à luz do fogo, aplicou-se com sua vivacidade costumeira ao reparo da válvula principal, cujo mau funcionamento pouco antes quase causara o fim de todos. Aquela lembrança desagradável, tal como o defeito que os dedos ágeis de Darby ora consertavam, logo seria desfeita... como se fosse apenas algo a respeito do qual o rapazinho lera em algum livro de aventuras para jovens... como se aquela página de suas crônicas tivesse sido virada, e a ordem de “meia-volta” houvesse sido pronunciada por algum poderoso, ainda que invisível, Comandante dos Dias Terrenos, para o qual Darby, numa obediência dócil, tivesse se voltado mais uma vez...

Mal havia ele terminado o reparo quando, levantando a vista, encontrou Chick Counterfly preparando café junto ao fogo.

“Você quer?”, ofereceu Chick. “Ou eles ainda não deixam você beber isto?”

Algo no seu tom de voz lhe indicava que esse tipo de provocação jocosa era apenas o que um garoto da idade de Darby era obrigado a suportar. “Obrigado, quero um pouco, sim.”

Permaneceram em silêncio por algum tempo junto ao fogo, como dois tropeiros acampados nas pradarias do Oeste. Por fim, para a surpresa de Darby: “Tenho muita saudade do meu pai” — Chick confidenciou-lhe, sem mais nem menos.

“Imagino que deve ser terrível pra você, Chick. Já eu nem me lembro do meu.”

Chick contemplou o fogo com tristeza. Após um momento: “O negócio é que eu fico achando que ele não ia me largar. Se pudesse. A gente era amigos, sabe? Ele sempre arrumava alguma coisa. Um jeito de ganhar um dinheirinho. Nem sempre do agrado do xerife, mas sempre dava para pôr feijão na panela. Eu nem ligava se tinha que viajar de repente no meio da noite, mas aqueles tribunais de cidade do interior, com isso eu nunca consegui me acostumar não. O juiz olhava pra gente uma vez só, pegava o martelo dele e antes mesmo dele bater a gente já estava na estrada outra vez.”

“Era um bom exercício, eu imagino.”

“É, mas eu acho que meu pai estava começando a perder a disposição. Eu ficava achando que a culpa era minha. Você sabe, uma preocupação a mais.”

“Pois eu acho que foi mais aquele cambalacho com os chineses que você mencionou”, disse Darby, “nada que tenha a ver com você. Você fuma isso?”, acendendo uma espécie de cigarro e oferecendo-o a Chick.

“Pela minha tia-avó Petunia!”, exclamou Chick, “que cheiro é esse?”

“Ora, é cubeba. Uma erva puramente medicinal. Proibido fumar tabaco a bordo, como você deve se lembrar do seu Juramento do Amigo do Acaso.”

“Eu jurei não fumar? Eu devia estar com a cabeça meio atrapalhada. Proibido fumar! Puxa, isso aqui é que nem o tal Método Keeley. Como é que vocês aguenta passar o dia?”

De súbito, foi como se todo um canil comesse a latir ao mesmo tempo, furiosamente. “É o Pugnax”, explicou Darby, percebendo a expressão assustada de Chick.

“Ele e mais o quê?”

“Só o Pugnax. É um dos muitos talentos dele. Melhor a gente ir lá dar uma olhada.”

Encontraram Pugnax em pé, tenso e alerta, a atenção fixa na escuridão exterior — pelo que parecia aos rapazes, pronto para desencadear um contra-ataque avassalador dirigido ao que quer que estivesse se aproximando do perímetro da nave.

“Vem cá”, exclamou uma voz invisível, “cachorrinho simpático!” Pugnax manteve-se em seu posto mas parou de latir, pelo visto por julgar que os visitantes eram nasalmente aceitáveis. Diante dos olhares de Darby e Chick, surgiu no meio da noite um bife gigantesco, descrevendo um arco no céu, girando lentamente, até cair no

chão quase exatamente entre as patas dianteiras de Pugnax, o qual ficou a encará-lo por algum tempo, arqueando uma única sobrancelha, com uma expressão, não há outro termo, desdenhosa.

“Ô, tem alguém aí?” Surgiram à luz do fogo dois rapazes e uma moça, com cestas de piquenique e envergando uniformes de aeronáutica de alpaca índigo com listras escarlate, e chapéus que não conseguiam igualar a geometria mais simples do conhecido fez dos Shriners, por serem muito mais enfeitados e, mesmo para seu tempo, de não muito bom gosto. Havia, por exemplo, uma espécie de espeto enorme no cocuruto, à moda alemã, e certo número de plumas tingidas de verde-claro. “Olá, Darb! Como vão e como vêm as coisas?”

Darby, reconhecendo-os como membros dos Andarilhos do Azul Atlético Club, uma organização de ascensionários de Oregon, com os quais os Amigos do Acaso muitas vezes voavam em manobras conjuntas, recebeu-os com um sorriso de boas-vindas, dirigido em particular à srta. Penelope (“Penny”) Black, cuja aparência frágil disfarçava um espírito intrépido e uma vontade indomável, e pela qual ele nutria um “rabiço” desde que se entendia por gente. “Olá, Riley, Zip... Penny”, acrescentou, tímido.

“‘Capitão’, dobre a língua.” Ela exibiu a manga da túnica, onde brilhavam quatro faixas douradas, nas bordas das quais se viam sinais de costura recente. Os Andarilhos eram conhecidos e respeitados por concederem ao sexo loquaz absoluta igualdade de condições com os rapazes, inclusive oportunidades para promoção. “Isso mesmo”, sorriu Penny, “eles me deram a *Tzigane* — acabei de trazer a nossa velha banheira lá de Eugene, aterrissei logo depois daquele arvoredado ali, e todo mundo escapou sem um arranhão.”

“Puxa! Seu primeiro comando! É suruba!” Percebeu que agitava as mãos nervoso, sem ter ideia do que fazer com elas.

“Você devia me beijar”, disse Penny. “É a tradição, essas coisas.”

Apesar do coro de vaias que o beijo arrancou dos outros rapazes, Darby achou que o rápido contato daquela bochecha sardenta com seus lábios valeu a pena, e muito. Feitas as apresentações, Chick e Darby pegaram cadeiras dobráveis, os Andarilhos abriram suas cestas de delícias e os colegas deram início a uma noite de mexericos, conversas técnicas e “causos” de voos.

“Quando descíamos, sobrevoando o ‘Egito’ — é o sul de Illinois, Darb —, pegamos uma corrente ascensional perto de Decatur; cheguei a pensar que a gente ia parar lá na lua — com licença” — fazendo uma pausa para espirrar — “muco escorrendo do nariz até chegar à cintura, todo mundo ficando azul com a luz daquele fluido elétrico, e um redemoinho dentro da cabeça da gente... ahh-pffêgg!”

“Ah, saúde, Riley”, disse Zip, “mas da última vez que você contou essa história, tinha vozes estranhas e não sei que mais —”

“Nós também ficamos com uma auréola galvânica quando chegamos aqui”, disse Chick, “por causa da velocidade.”

“Aah, isso não é nada!”, exclamou Riley. “Pior é passar o dia inteiro se esquivando de tornado! Você quer ver o que é eletricidade de verdade, vá a Oklahoma, que a barulhada infernal que você vai ouvir vai abafar tudo que é voz estranha.”

“Por falar em vozes”, disse Penny, “vocês ouviram falar alguma coisa sobre essas... ‘visões’ que estão sendo relatadas agora? E não são só os aviadores, não, mas também civis na terra?”

“Além das histórias de sempre”, indagou Darby, “miragens, auroras boreais, essas coisas?”

“É diferente”, Zip, com uma voz baixa, soturna. “Tem luzes, mas também tem som. Principalmente quando a altitude é maior, quando fica aquele tom de azul-escuro mesmo de dia, sabe? Vozes chamando todas juntas. Todas as direções ao mesmo tempo. Como um coral na escola, só que não tem música, é só esses...”

“Alertas”, disse Riley.

Darby deu de ombros. “Pra mim, é novidade. Nós do *Inconveniência* somos os caçulas da organização, os últimos a saber, ninguém nunca nos conta nada — eles dão as ordens e nós obedecemos, e pronto.”

“Pois nós estávamos lá sobrevoando o monte Etna na primavera”, disse Penny, “e você se lembra daqueles Garçons de 71, eu imagino.” Para que Chick pudesse acompanhar a conversa, Darby explicou que aquele grupo se formara mais de vinte anos antes, durante o Cerco de Paris, quando os balões tripulados eram muitas vezes a única maneira de estabelecer comunicação entre quem estava dentro e quem estava fora da cidade. À medida que o cerco se prolongava, ficava cada vez mais claro para alguns desses balonistas, que viam tudo do alto e estavam sempre na fronteira do perigo mortal, que o Estado moderno dependia para sua própria sobrevivência da manutenção de um *estado de sítio permanente* — circundando de modo sistemático as populações, impondo a fome aos corpos e espíritos, degradando de modo implacável a civilidade até que os cidadãos se voltassem uns contra os outros, a ponto de cometer atrocidades como a dos infames *pétroleurs* de Paris. Quando terminou o Cerco, esses balonistas resolveram continuar voando, livres agora das ilusões políticas que permaneciam mais vivas do que nunca sobre a terra, comprometendo-se com toda a solenidade apenas uns com os outros, agindo como se o mundo inteiro estivesse eternamente em estado de sítio.

“Hoje em dia”, disse Penny, “eles vão voando para onde forem chamados, muito acima das muralhas dos fortes e das fronteiras nacionais, furando bloqueios, levando comida a quem tem fome, dando abrigo aos doentes e perseguidos... assim, é claro, eles fazem inimigos em todos os lugares aonde vão, são alvos de tiros desferidos da terra, o tempo todo. Mas nesse dia foi diferente. Por acaso estávamos voando com um deles na ocasião, e foi uma coisa muito estranha. Ninguém viu nenhum projétil, mas havia... uma espécie de força... uma energia que sentíamos, dirigida pessoalmente a nós...”

“Alguém lá fora”, disse Zip, muito sério. “O espaço vazio. Porém habitado.”

“Essa conversa está deixando você nervoso, Chick?”, provocou Darby.

“Não. Estou pensando em quem vai querer comer aquele último bolinho de maçã.”